



Fonte do texto

### Capítulo 1 : UM RECIFE ARISCO

Ano de 1866 notabilizou-se por um acontecimento insólito, fenômeno inexplicado e inexplicável do qual certamente ninguém se esqueceu. Rumores agitavam as populações portuárias e alvoroçavam a opinião pública no interior dos continentes, porém foi a classe dos marítimos a que mais ficou apreensiva. Negociantes, armadores, capitães de navios, skippers e masters<sup>1</sup> da Europa e dos Estados Unidos, oficiais das marinhas militares de todos os países e, em seguida, governos dos diversos Estados, de ambos os continentes, se preocuparam a fundo com o assunto. Com efeito, recentemente diversos navios haviam se deparado com “uma coisa enorme” no mar, um objeto comprido, fusiforme, fosforescente em determinadas circunstâncias, infinitamente maior e mais veloz que uma baleia. Os detalhes relativos a essa aparição, registrados em diversos livros de bordo, coincidiam com bastante precisão no que se refere à estrutura do objeto ou da criatura em questão, à velocidade inigualável de seus movimentos, à força espantosa de sua locomoção, à vida singular de que parecia dotada. Caso se tratasse de um cetáceo, superava em volume todos os que a ciência classificara até o momento. Nem Cuvier, nem Lacépède, nem o sr. Dumeril, nem o sr. de Quatrefages<sup>2</sup> teriam admitido a existência de tal monstro — a menos que o tivessem visto, isto é, visto com seus próprios olhos de cientistas. Calculando a média das observações efetuadas em diversas oportunidades — descartando as tímidas conjecturas que atribuíam ao mencionado objeto um comprimento de sessenta metros e rechaçando as opiniões exageradas que o diziam com mil e quinhentos de largura e cinco mil de comprimento —, era plausível afirmar, entretanto, que aquela criatura fenomenal superava com sobras todas as dimensões aceitas até aquele dia pelos ictiologistas — se porventura existisse. Ora, existia, o fato em si não era mais questionável, e, com essa propensão que impele o cérebro humano ao maravilhoso, nada mais compreensível que o abalo produzido no mundo inteiro pela sobrenatural aparição. Quanto a relegá-la à categoria das fábulas, era inútil insistir.

Com efeito, em 20 de junho de 1866, o vapor Governor-Higginson, da Calcutta and Burnach Steam Navigation Company, divisara o movimento da tal massa a cinco milhas náuticas de distância,<sup>3</sup> a leste do litoral da Austrália. O capitão Baker, a princípio, julgou-se diante de um recife não assinalado nos mapas; dispunha-se inclusive a medir sua posição exata, quando duas colunas de água, esguichadas do inexplicável objeto, projetaram-se assobiando a cinquenta metros de altura. Logo, a menos que o recife se achasse submetido às expansões intermitentes de um gêiser, o Governor-Higginson via-se às voltas pura e simplesmente com algum mamífero aquático, desconhecido até aquela data, que expelia pelos orifícios colunas de água misturadas a ar e vapor. Fato similar foi igualmente observado em 23 de julho do mesmo ano, nos mares do Pacífico, pelo Cristobal-Colon, da West India and Pacific Steam Navigation Company. O que demonstrava que aquele cetáceo fora do comum era capaz de deslocar-se de um ponto a outro em inaudita velocidade, uma vez que, com três dias de intervalo, o Governor-Higginson e o Cristobal-Colon haviam-no observado em duas zonas do mapa separadas por mais de setecentas léguas marítimas de distância.<sup>4</sup> Quinze dias mais tarde, a duas mil léguas dali, o Helvetia, da Compagnie Nationale, e o Shannon, do Royal Mail, navegando em sentidos opostos na porção do Atlântico compreendida entre os Estados Unidos e a Europa, trocaram avisos situando o monstro, respectivamente, a 42°15' de latitude norte e a 60°35' de longitude a oeste do meridiano de Greenwich. Por essa observação simultânea, julgou-se poder estimar o comprimento mínimo do mamífero em mais de trezentos e cinquenta pés ingleses,<sup>5</sup> uma vez que o Shannon e o Helvetia eram menores que ele, a despeito de medirem cem metros da roda de proa ao cadaste. Ora, as baleias de maior porte, as que frequentam as paragens das ilhas Aleutas, a Hullammak e a Umgallick, jamais ultrapassaram cinquenta e seis metros de comprimento, se é que chegavam a tanto. Após esses reiterados incidentes, novas observações efetuadas a bordo do transatlântico Le Pereire, uma abordagem entre o Etna, da linha Inman, e o monstro, um relatório elaborado pela fragata francesa La Normandie, bem como um seriíssimo levantamento obtido pelo estado-maior do comodoro Fitz-James a bordo do Lord Clyde, mexeram profundamente com a opinião pública. Nos países de humor leviano, caçoaram do fenômeno, mas nas nações graves e pragmáticas, a Inglaterra, os Estados Unidos, a Alemanha, foi grande a

preocupação.

Em todos os quadrantes, nos grandes centros urbanos, o monstro entrou em voga. Foi cantado nos cafés, enxovalhado nas revistas, representado nos teatros. Os pasquins viram nele uma boa oportunidade de plantar notícias de todo calibre. Os jornais — pouco imaginativos — ressuscitaram todas as criaturas imaginárias e gigantescas, desde a baleia branca, a terrível Moby Dick<sup>6</sup> das regiões hiperbóreas, até o Kraken<sup>7</sup> sem mais tamanho, cujos tentáculos podem cingir uma embarcação de quinhentas toneladas e arrastá-la para os abismos do oceano. Chegou-se a reproduzir anotações e opiniões de Aristóteles e Plínio,<sup>8</sup> que admitiam a existência de tais monstros, depois os apontamentos noruegueses do bispo Pontoppidan,<sup>9</sup> as crônicas de Paul Heggede,<sup>10</sup> e finalmente os relatórios do sr. Harrington,<sup>11</sup> cuja boa-fé é incontestável quando, a bordo do Castilla, em 1857, afirma ter visto a enorme serpente, que até então frequentara apenas os mares do Constitutionnel.<sup>12</sup> Foi nesse momento que estourou, nas sociedades eruditas e revistas científicas, a infindável polêmica entre crédulos e incrédulos. O “enigma do monstro” incendiou as mentes. Os jornalistas, que professam a ciência em luta contra os que professam o espírito, despejaram rios de tinta durante essa memorável campanha; alguns, inclusive, duas ou três gotas de sangue, pois da serpente do mar passaram às personalidades mais vis. A guerra prosseguiu com peripécias diversas seis meses a fio. Aos artigos de fundo do Instituto Geográfico do Brasil,<sup>13</sup> da Academia Real das Ciências de Berlim, da Associação Britânica, do Smithsonian Institution de Washington, às discussões do The Indian Archipelago, do Cosmos do padre Moigno,<sup>14</sup> dos Mitteilungen de Petermann,<sup>15</sup> às crônicas científicas dos grandes jornais da França e do estrangeiro, a imprensa nanica respondia com uma verve inesgotável. Parodiando um dito de Lineu, citado pelos adversários do monstro, seus espirituosos repórteres argumentaram que “a natureza não produzia tolos”,<sup>16</sup> e conclamaram seus contemporâneos a não desmentir a natureza, admitindo a existência dos Krakens, das serpentes marinhas, das Moby Dick e de outras elucubrações de marujos delirantes. Para terminar, no artigo de um jornal satírico dos mais temidos, o mais incensado de seus redatores, superando a todos, abalroou o monstro como Hipólito, desferiu-lhe o soco fatal e nocauteou-o em meio à gargalhada universal.<sup>17</sup> A gozação vencera a ciência. Nos primeiros meses do ano de 1867, o assunto pareceu sepultado, e nada indicava viesse a renascer, quando fatos novos foram levados ao conhecimento público. Não se tratava mais então de um problema científico

*FIM DO CAPITULO*

### Capítulo 2 : PRÓS E CONTRAS

Ano de 1866 notabilizou-se por um acontecimento insólito, fenômeno inexplicado e inexplicável do qual certamente ninguém se esqueceu. Rumores agitavam as populações portuárias e alvoroçavam a opinião pública no interior dos continentes, porém foi a classe dos marítimos a que mais ficou apreensiva. Negociantes, armadores, capitães de navios, skippers e masters<sup>1</sup> da Europa e dos Estados Unidos, oficiais das marinhas militares de todos os países e, em seguida, governos dos diversos Estados, de ambos os continentes, se preocuparam a fundo com o assunto. Com efeito, recentemente diversos navios haviam se deparado com “uma coisa enorme” no mar, um objeto comprido, fusiforme, fosforescente em determinadas circunstâncias, infinitamente maior e mais veloz que uma baleia. Os detalhes relativos a essa aparição, registrados em diversos livros de bordo, coincidiam com bastante precisão no que se refere à estrutura do objeto ou da criatura em questão, à velocidade inigualável de seus movimentos, à força espantosa de sua locomoção, à vida singular de que parecia dotada. Caso se tratasse de um cetáceo, superava em volume todos os que a ciência classificara até o momento. Nem Cuvier, nem Lacépède, nem o sr. Dumeril, nem o sr. de Quatrefages<sup>2</sup> teriam admitido a existência de tal monstro — a menos que o tivessem visto, isto é, visto com seus próprios olhos de cientistas. Calculando a média das observações efetuadas em diversas oportunidades — descartando as tímidas conjecturas que atribuíam ao mencionado objeto um comprimento de sessenta metros e rechaçando as opiniões exageradas que o diziam com mil e quinhentos de largura e cinco mil de comprimento —, era plausível afirmar, entretanto, que aquela criatura fenomenal superava com sobras todas as dimensões aceitas até aquele dia pelos ictiologistas — se porventura existisse. Ora, existia, o fato em si não era mais questionável, e, com essa propensão que impele o cérebro humano ao maravilhoso, nada mais compreensível que o abalo produzido no mundo inteiro pela sobrenatural aparição. Quanto a relegá-la à categoria das fábulas, era inútil insistir. Com efeito, em 20 de junho de 1866, o vapor Governor-Higginson, da Calcutta and Burnach Steam Navigation Company, divisara o movimento da tal massa a cinco milhas náuticas de distância,<sup>3</sup> a leste do litoral da Austrália. O capitão Baker, a princípio, julgou-se diante de um recife não assinalado nos mapas; dispunha-se inclusive a medir sua posição exata, quando duas colunas de água, esguichadas do inexplicável objeto, projetaram-se assobiando a cinquenta metros de altura. Logo, a menos que o recife se achasse submetido às expansões intermitentes de um gêiser, o Governor-Higginson via-se às voltas pura e simplesmente com algum mamífero aquático, desconhecido até aquela data, que expelia pelos orifícios colunas de água misturadas a ar e vapor. Fato similar foi igualmente observado em 23 de julho do mesmo ano, nos mares do Pacífico, pelo Cristobal-Colon, da West India and Pacific Steam Navigation Company. O que demonstrava que aquele cetáceo fora do comum era capaz de deslocar-se de um ponto a outro em inaudita velocidade, uma vez que, com três dias de intervalo, o Governor-Higginson e o Cristobal-Colon haviam-no observado em duas zonas do mapa separadas por mais de setecentas léguas marítimas de distância.<sup>4</sup> Quinze dias mais tarde, a duas mil léguas dali, o Helvetia, da Compagnie Nationale, e o Shannon, do Royal Mail, navegando em sentidos opostos na porção do Atlântico compreendida entre os Estados Unidos e a Europa, trocaram avisos situando o monstro, respectivamente, a 42°15' de latitude norte e a 60°35' de longitude a oeste do meridiano de Greenwich. Por essa observação simultânea, julgou-se poder estimar o comprimento mínimo do mamífero em mais de trezentos e cinquenta pés ingleses,<sup>5</sup> uma vez que o Shannon e o Helvetia eram menores que ele, a despeito de medirem cem metros da roda de proa ao cadaste. Ora, as baleias de maior porte, as que frequentam as paragens das ilhas Aleutas, a Hullammak e a Umgallick, jamais ultrapassaram cinquenta e seis metros de comprimento, se é que chegavam a tanto. Após esses reiterados incidentes, novas observações efetuadas a bordo do transatlântico Le Pereire, uma abordagem entre o Etna, da linha Inman, e o monstro, um relatório elaborado pela fragata francesa La Normandie, bem como um seriíssimo levantamento obtido pelo estado-maior do comodoro Fitz-James a bordo do Lord Clyde, mexeram profundamente com a opinião pública. Nos países de humor leviano, caçoaram do fenômeno, mas nas nações graves e pragmáticas, a Inglaterra, os Estados Unidos, a Alemanha, foi grande a



preocupação.

Em todos os quadrantes, nos grandes centros urbanos, o monstro entrou em voga. Foi cantado nos cafés, enxovalhado nas revistas, representado nos teatros. Os pasquins viram nele uma boa oportunidade de plantar notícias de todo calibre. Os jornais — pouco imaginativos — ressuscitaram todas as criaturas imaginárias e gigantescas, desde a baleia branca, a terrível Moby Dick<sup>6</sup> das regiões hiperbóreas, até o Kraken<sup>7</sup> sem mais tamanho, cujos tentáculos podem cingir uma embarcação de quinhentas toneladas e arrastá-la para os abismos do oceano. Chegou-se a reproduzir anotações e opiniões de Aristóteles e Plínio,<sup>8</sup> que admitiam a existência de tais monstros, depois os apontamentos noruegueses do bispo Pontoppidan,<sup>9</sup> as crônicas de Paul Heggede,<sup>10</sup> e finalmente os relatórios do sr. Harrington,<sup>11</sup> cuja boa-fé é incontestável quando, a bordo do Castilla, em 1857, afirma ter visto a enorme serpente, que até então frequentara apenas os mares do Constitutionnel.<sup>12</sup> Foi nesse momento que estourou, nas sociedades eruditas e revistas científicas, a infindável polêmica entre crédulos e incrédulos. O “enigma do monstro” incendiou as mentes. Os jornalistas, que professam a ciência em luta contra os que professam o espírito, despejaram rios de tinta durante essa memorável campanha; alguns, inclusive, duas ou três gotas de sangue, pois da serpente do mar passaram às personalidades mais vis. A guerra prosseguiu com peripécias diversas seis meses a fio. Aos artigos de fundo do Instituto Geográfico do Brasil,<sup>13</sup> da Academia Real das Ciências de Berlim, da Associação Britânica, do Smithsonian Institution de Washington, às discussões do The Indian Archipelago, do Cosmos do padre Moigno,<sup>14</sup> dos Mitteilungen de Petermann,<sup>15</sup> às crônicas científicas dos grandes jornais da França e do estrangeiro, a imprensa nanica respondia com uma verve inesgotável. Parodiando um dito de Lineu, citado pelos adversários do monstro, seus espirituosos repórteres argumentaram que “a natureza não produzia tolos”,<sup>16</sup> e conclamaram seus contemporâneos a não desmentir a natureza, admitindo a existência dos Krakens, das serpentes marinhas, das Moby Dick e de outras elucubrações de marujos delirantes. Para terminar, no artigo de um jornal satírico dos mais temidos, o mais incensado de seus redatores, superando a todos, abalroou o monstro como Hipólito, desferiu-lhe o soco fatal e nocauteou-o em meio à gargalhada universal.<sup>17</sup> A gozação vencera a ciência. Nos primeiros meses do ano de 1867, o assunto pareceu sepultado, e nada indicava viesse a renascer, quando fatos novos foram levados ao conhecimento público. Não se tratava mais então de um problema científico

*FIM DO CAPITULO*